

Guia de Investimentos Abril 2020

Em março o ambiente para investimentos se tornou muito mais desafiador, com os mercados sendo obrigados a reconhecer que a crise causada pelo coronavírus será muito mais prolongada do que o que antes foi antecipado.

É importante ter em mente que ativos de risco antecipam os ciclos econômicos. Eles já sofreram perdas significativas antes de que sejam sentidos efeitos na economia através de dados econômicos ou resultados de empresas. Da mesma maneira, a recuperação dos mercados deve ocorrer antes da real recuperação. Cautela é muito importante nesse momento.

Guia de investimentos

Em março o ambiente para investimentos se tornou muito mais desafiador, com os mercados sendo obrigados a reconhecer que a crise causada pelo coronavírus será muito mais prolongada do que o que antes foi antecipado. O Ibovespa sofreu a pior perda mensal de todo o século XXI, à medida que investidores tentavam prever os impactos e evitar os setores mais afetados.

É importante darmos destaque à todas as ações sendo implementadas por governos e bancos centrais ao redor do mundo. Com as experiências de 2008 ainda à flor da pele, tomadores de decisão dessas instituições conseguiram ser muito ágeis, e focar sua atuação em medidas focadas nos sintomas econômicos do coronavírus. Os estímulos sendo aplicados ajudarão a economia mundial a evitar uma depressão, e a retomar o crescimento mais a frente.

É importante ter em mente que ativos de risco antecipam os ciclos econômicos. Eles já sofreram perdas significativas antes de que sejam sentidos efeitos na economia através de dados econômicos ou resultados de empresas. Da mesma maneira, a recuperação dos mercados deve ocorrer antes da real recuperação. Cautela é muito importante nesse momento, e estamos reforçando que as implementações de novos portfólios ou de aumentos de risco deve ser feita ao longo de 4 - 6 meses.

Toda crise cria uma série de oportunidades. Aos poucos, ajustaremos nossas carteiras recomendadas para nos aproveitarmos das que parecerem mais claras e/ou com assimetria mais favorável (altos retornos potenciais vs. perdas potenciais pequenas).

Investidor Conservador: como investir no cenário atual?

Para o investidor conservador o cenário tem se tornado cada vez mais desafiador, taxas de juros de curto prazo estão muito baixas, e os fundos de crédito passaram por momentos de muita volatilidade no período recente.



AGENTE AUTÔNOMO
DE INVESTIMENTOS
XP Investimentos



Os retornos mais erráticos vieram para ficar: consequência da taxa de juros mais baixa, que não consegue amortecer as flutuações dos ativos tão bem quanto antes, e da liquidez crescente no mercado secundário de crédito, que faz com que esses ativos, antes um porto seguro, fiquem mais sensíveis ao humor dos investidores.

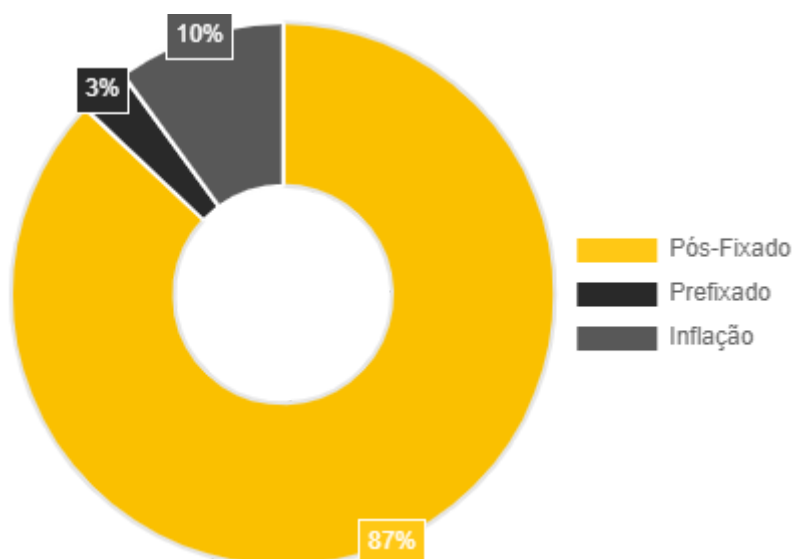
Dentro do possível em termos de risco, adicionamos ativos de renda fixa inflação, com prazos mais longos, e pré-fixados, de modo a manter parte da carteira com taxas pré-contratadas mais interessantes, dado que a curva de juros está bem inclinada: com taxas de 3 e 4 anos muito melhores do que as de 1 e 2 anos, por exemplo.

Sugestão de carteira

A parcela majoritária do portfólio está alocada em fundos de crédito, de modo a obter retornos excedentes ao CDI com diversificação e liquidez, sendo que os veículos têm resgates cotizados em até 30 dias corridos. Os papéis de crédito são de primeira linha ou protegidos pelo FGC.

Para **Prefixados** mantemos o posicionamento na parte intermediária da curva, com prazos próximos a 4 anos. Nos papéis de até 1 ano haverá volatilidade em por causa do final do ciclo de corte de juros. Acima de 4 anos preferimos os papéis atrelados à inflação.

Utilizamos a parcela de **Inflação** para contratar ganhos acima do IPCA por prazos mais longos. Escolhemos entre os papeis de crédito possíveis para o cliente conservador com prazos mais longos e complementamos com CDBs com prazo médio em torno de 5 anos. Além disso, há uma parcela em fundos, visando um resgate rápido, caso haja uma mudança no cenário desenhado por nós.



Investidor Moderado: como investir no cenário atual?

Conforme o relatório que publicamos em meados de março, reduzimos a posição em renda variável, para abarcar as perdas do mês. Isto é, não recomendamos que o investidor reduza seus ativos de renda variável, apenas mantenha sua alocação anterior, que terá tamanho menor em seu portfólio total devido à desvalorização.

Dado este ponto de partida, damos o primeiro passo no aumento de risco nos portfólios: 1% de bolsa e 1% em dívida corporativa de maior risco de crédito, ambos nos Estados Unidos e sem risco cambial.

Com o menor peso da renda variável e o câmbio já em patamar muito depreciado, optamos por reduzir (de 4 para 2%) a exposição a ativos dolarizados.

Sugestão de carteira

Em torno de um quarto da carteira está atrelado às **taxas de juros de um dia**, sendo que 5% com possibilidade de resgate rápido, necessária para atender as necessidades de liquidez do próprio investidor e também nos possibilitando alterações rápidas na alocação. No restante buscamos maior rentabilidade através de papéis bancários e corporativos, isentos ou não.

Para papéis **Prefixados**, preferindo a parcela intermediária da curva, com prazos próximos de 4 anos. Nos papéis de até 1 ano haverá volatilidade em por causa do final do ciclo de corte de juros. Acima de 4 anos preferimos os papéis atrelados à inflação.

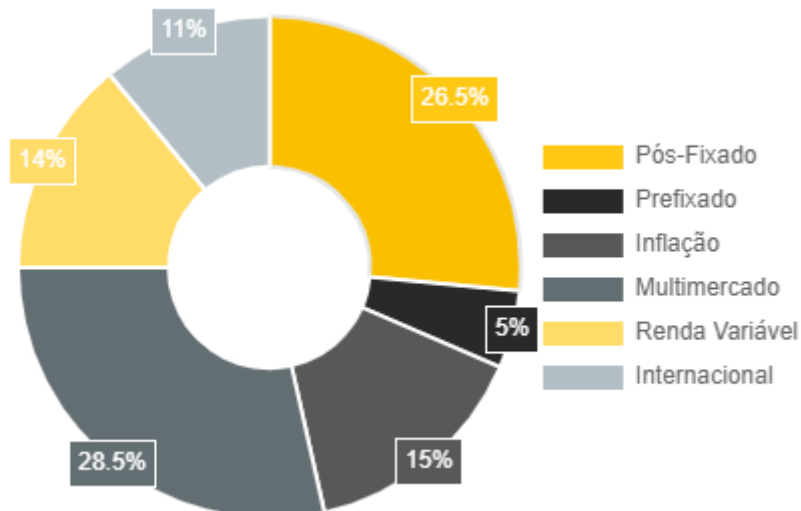
Utilizamos a parcela de **Inflação** para contratar ganhos acima do IPCA por prazos mais longos. Seguimos concentrados em créditos isentos de prazo de cerca de 5 anos em detrimento de fundos expostos à papéis do Tesouro Nacional, dado os altos prêmios nos créditos emitidos por grandes empresas.

Os fundos **Multimercado** trazem maior diversificação de estratégias. Além disso, os gestores dessa classe conseguem aproveitar oportunidades em prazos mais curtos, enquanto o investidor teria mais dificuldade, e maiores custos, para movimentar seu portfólio. Importante ter um mix de estratégias nessa classe através dos fundos Macro, Long & Short e Quantitativos.

Reduzimos a posição de **Renda Variável** apenas para **acompanhar a queda do mercado de ações**. Isto é, o investidor que já perseguia a sua carteira recomendada deve permanecer com sua alocação inalterada.

Para os clientes que estão começando agora, ou abaixo do percentual alvo ajustado, nossa recomendação é implementar novas posições ao longo de 6 meses, como explicamos nesse relatório.

Aumentamos e alteramos a parcela **Internacional**, diversificando a renda fixa - incluindo papéis de High Yield nos Estados Unidos, e deixando um pedaço da renda variável sem exposição cambial.



Investidor Agressivo: como investir no cenário atual?

Conforme o relatório que publicamos em meados de março, reduzimos a posição em renda variável, para abarcar as perdas do mês. Isto é, não recomendamos que o investidor reduza seus ativos de renda variável, apenas mantenha sua alocação anterior, que terá tamanho menor em seu portfólio total devido à desvalorização.

Dado este ponto de partida, damos o primeiro passo no aumento de risco nos portfólios: 2% de bolsa e 2,5% em dívida corporativa de maior risco de crédito, ambos nos Estados Unidos e sem risco cambial.

Com o menor peso da renda variável e o câmbio já em patamar muito depreciado, optamos por reduzir (de 5 para 3,5%) a exposição a ativos dolarizados.

Sugestão de carteira

Para papéis **Prefixados**, preferindo a parcela intermediária da curva, com prazos próximos de 4 anos. Nos papéis de até 1 ano haverá volatilidade em por causa do final do ciclo de corte de juros. Acima de 4 anos preferimos os papéis atrelados à inflação.

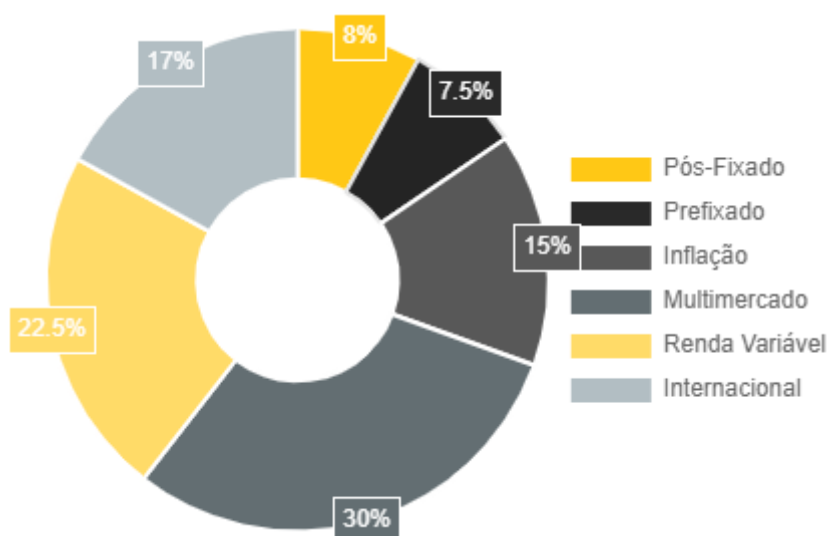
Utilizamos a parcela de **Inflação** para contratar ganhos acima do IPCA por prazos mais longos. Seguimos concentrados em créditos isentos de prazo de cerca de 5 anos em detrimento de fundos expostos à papéis do Tesouro Nacional, dado os altos prêmios nos créditos emitidos por grandes empresas.

Os fundos **Multimercado** trazem maior diversificação de estratégias. Além disso, os gestores dessa classe conseguem aproveitar oportunidades em prazos mais curtos, enquanto o investidor teria mais dificuldade, e maiores custos, para movimentar seu portfólio. Importante ter um mix de estratégias nessa classe através dos fundos Macro, Long & Short e Quantitativos.

Reduzimos a posição de **Renda Variável** apenas para **acompanhar a queda do mercado de ações**. Isto é, o investidor que já perseguia a sua carteira recomendada deve permanecer com sua alocação inalterada.

Para os clientes que estão começando agora, ou abaixo do percentual alvo ajustado, nossa recomendação é implementar novas posições ao longo de 6 meses, como explicamos nesse relatório.

Aumentamos e alteramos a parcela **Internacional**, diversificando a renda fixa - incluindo papéis de High Yield nos Estados Unidos, e deixando um pedaço da renda variável sem exposição cambial.



Fonte: XP Investimentos